



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUSXIV**  
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS, HABILITAÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E LITERATURA-LICENCIATURA

**Cleidiane da Silva Pereira**

**ANTOLOGIA DIGITAL *ENTER: AS DIFERENTES FACES DA LITERATURA***

**Conceição do Coité**  
**2014**

**Cleidiane da Silva Pereira**

**ANTOLOGIA DIGITAL *ENTER: AS DIFERENTES FACES DA LITERATURA***

Monografia apresentada ao curso de Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas-Licenciatura do Departamento de Educação, *Campus XIV*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito final para obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sayonara Amaral

Co- Orientador: Paulo de Tarso

**Conceição do Coité  
2014**

## **Folha de Aprovação**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Departamento de Educação, *Campus XIV*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito final para conclusão de curso de graduação em Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas-Licenciatura.

### **Banca Examinadora**

---

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra.  
Sayonara Amaral Oliveira**

---

**Membro Convidado  
Prof. Luiz Antônio de Carvalho Valverde**

---

**Membro Convidado  
Prof<sup>a</sup>. Rosana Carvalho Ghignatti**

Dedico este trabalho com muito amor, à  
minha família, ao meu esposo, as Irmãs  
da Providência e meus amigos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter-me conduzido durante essa jornada.

Aos meus pais, Judite Calazans e José feliz [in memória] que contribuíram para que este sonho torna-se realidade e acreditaram na minha competência.

Ao meu esposo, pela presença e apoio contínuo.

Aos meus amigos, que de forma direta ou indireta contribuíram através das suas orações e pensamentos positivos para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Aos meus colegas de turma, pelas palavras de encorajamento, reconhecimento da minha capacidade, pela coletividade e união.

Á congregação irmãs da providencia de GAP por terem me ajudado durante a experiência do *aspirantado*, através de um despertar para a formação pessoal, religiosa, moral e acadêmica.

A minha Amiga Pedagoga Gisele Silva, pelo incentivo e encorajamento para que eu buscasse um nível superior, pela confiança em minha competência. Ela me fez crer que ao adentrarmos em uma universidade “as portas se abrem” e os sonhos começam a serem realizados.

Por todos os Professores que durante a graduação deixaram um pouco de si por meio dos conteúdos abordados, discutidos e aprendidos. Em especial a Prof. Dra. Sayonara Amaral pelo acompanhamento, humildade, sinceridade e paciência durante orientação deste trabalho.

[...] falar do campo artístico na atualidade e da escrita literária no ciberespaço é falar de outras artes, outras linguagens, outros gêneros, que para aí convergem. “É falar de hipermídia, que é, ao mesmo tempo, a mídia e a linguagem da internet”. (MUNARI, 2011, p.4)

## RESUMO

O trabalho aqui apresentado resulta de uma pesquisa de Iniciação Científica, coordenada pela Profa. Dra Sayonara Amaral de Oliveira no *Campus XVI* da UNEB, no período 2013-2014, que concerniu ao estudo sobre literatura na Internet, com o objetivo de investigar o circuito contemporâneo da literatura na mídia digital. Tomou-se como objeto de estudo o site da Antologia Digital ENTER, organizada pela crítica literária Heloisa Buarque de Holanda, em atividade na internet desde 2009. O referido site foi analisado a partir dos seguintes aspectos: a sua constituição e estrutura e a sua repercussão quanto à visibilidade e institucionalização de novos escritores no ambiente virtual. O trabalho de pesquisa com o site da “Antologia Digital ENTER” permite também uma relação com os hipertextos, pois é justamente no espaço da hipermídia que a antologia *ENTER* ganha seu espaço e seu formato, através da diversidade de obras literárias e de novos escritores no espaço virtual.

Palavras chaves: *Literatura, Internet, “Antologia Digital ENTER”, Hipermidia.*

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. LITERATURA, MUNDO DIGITAL, HIPERMÍDIA.....	12
2.1 Circuitos da literatura na contemporaneidade.....	14
2.2. Uma antologia Literária no circuito digital.....	17
3. A ANTOLOGIA E SEUS HIPERTEXTOS.....	29
3.1 <i>No espaço da hipermídia</i> .....	32
3.1.1 <i>Histórias em quadrinhos</i> .....	34
3.1.2 <i>Tira em Quadrinhos</i> .....	39
3.1.3 <i>Música (Rap)</i> .....	42
3.1.4 <i>Contos e Poemas</i> .....	45
4. CONCLUSÃO.....	47
5. REFERÊNCIA.....	48

## 1. INTRODUÇÃO

Não há mais como negar a importância das tecnologias na vida do homem contemporâneo. Elas, em todas as suas formas tornaram-se uma extensão do homem. Através delas, a literatura tem se expandindo de modo veloz na internet e conquistado grandes públicos leitores, além de que os estudos e trabalhos sobre literatura em meio digital abordam não somente a publicação e leitura digitalizada dos gêneros textuais tradicionais, mas, sobretudo, fazem um levantamento das possibilidades de textos que esse meio proporciona. Por esse viés, a literatura na internet tornou-se um circuito contemporâneo, circuito esse que Ítalo Moriconi, em seu texto, “Circuitos Contemporâneos do Literário”, nos diz que Circuito nada mais é do que a estrutura de circulação dos textos, os quais determinam as molduras, só *frames* discursivos a partir dos quais se pode analisar mais de perto cada obra ou trajetória autoral em particular. Para esse autor, o literário de um texto é efeito de circuito, isso quer dizer que o literário é mais atributo do que o texto.

A partir disso é possível considerar o espaço virtual como ferramenta de expansão, visualização e reconfiguração do campo artístico na atualidade. Sendo assim, este projeto de pesquisa está vinculado há um estudo do site que tem como título “Antologia Digital *ENTER*”, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. Um espaço virtual que tem contribuído por meio de textos, áudios, imagens, entre outros hipertextos, para a divulgação e institucionalização da literatura e de novos escritores na mídia, além de possibilitar uma visibilidade da literatura através da organização do portal que reúne vários escritores e suas produções.

O site “Antologia Digital *ENTER*”, objeto da minha pesquisa, constitui-se em um portal contendo textos, áudios, vídeos e imagens de 37 autores. Trata-se de um site fechado, ou seja, nesse espaço, não é possível uma interação entre escritor e leitor, nem por meio de postagens, nem por meio de comentários. Para uma integração, é preciso que o internauta receba um convite para tal, não havendo esse convite, ele apenas terá acesso ao site simplesmente. Sem possibilidade de agregar comentários, postagens e/ou dar opiniões etc. Ou seja, o portal faz referência a um *soft book* com curadoria única. Segundo Heloisa, o site teve o auxílio do jovem poeta Ramon Mello na seleção dos nomes dos participantes do site.

Assim como no espaço virtual, vários desafios fascinantes acerca da discussão sobre literatura são lançados nas academias, nas escolas e até mesmo na sociedade que

convive constantemente com as artes literárias, seja por meio do teatro, do cinema, da novela, da música ou simplesmente, das experiências vivenciadas no cotidiano.

Diante disso, a literatura vem sendo a cada dia um objeto de pesquisa para muitos licenciados em Letras nas universidades brasileiras, uma vez que esta está vinculada a grade curricular destes espaços educacionais como disciplina das ciências humanas, tal como a necessidade de resposta para estes indivíduos que apresentarem inquietações acerca do conceito da literatura. Diante disso, a literatura tem ocupado um espaço vantajoso para sua visibilidade e institucionalização, por meio das mídias digitais. Atualmente fala-se em literatura em um espaço virtual, na tela e na página dos blogs, sites, twitter entre outros ciberespaços, como diz Lévy (1999).

A antologia *ENTER* optou por reunir nomes que, se alguns deles não trabalham com a área literária, transitem por ela de alguma forma, seja criando animações a partir de livros, seja fundindo poesia e teatro. Os participantes do site têm em comum, o fato de atuarem na internet, que trazem a marca de uma linguagem literária a partir dos hipertextos, tais como, imagens, vídeos, músicas, HQs, textos, áudio, poemas e contos. Os temas são pertinentes à contemporaneidade como, por exemplo, subúrbio, trabalho, maconha, democracia racial e outros. Além da introdução, que toca em questões mais do que relevantes. Os pontos altos ficam por conta dos textos impecáveis dos participantes. A autora justifica a escolha do nome da antologia, pelo fato de que no computador a tecla *ENTER*, leva um comando, ou uma a linha de comando, a operar sua função *default*. Ou seja, *ENTER*, dá início a um processo, equivalendo assim a um ok. Sendo assim, a escolha do título dessa antologia foi sugerida pela aventura que oferece a tecla *ENTER*, além de ser uma homenagem a Carmen Luz, uma coreógrafa que em uma de suas coreografias, trás como nome “*ENTER*” e traz para linguagem todas as possíveis significações inauguráveis de *ENTER*, diz Buarque em seu site.

Dessa forma, adere à modalidade, a qual é de suma importância no ambiente virtual, tornando assim o projeto único, de torná-lo um trabalho de inovação editorial, ainda que, nos parâmetros da própria virtualidade, a fronteira entre uma iniciativa como *ENTER* é um feito simbólico e sobremaneira relevante (Buarque 2006). Não é um site produzido pelos próprios representantes da geração, mas por um especialista que, de fora e com o respaldo da academia, tem se interessado pelo assunto de forma coerente e que ao contrário de outras publicações do mundo digital, a antologia digital *ENTER* não está também publicada em impresso, em livro. O projeto de Heloísa Buarque é somente para o mundo digital, ou seja, ela busca afirmar a autonomia cultural da internet. E isso ao

contrário do que faz a maioria: que é publicar no digital, mas com vistas a migrar para o impresso.

Além disso, os escritores deste novíssimo século também se inserem no debate sobre a escrita contemporânea, por meio de seus textos e entrevistas ou pela participação em eventos de e sobre literatura, definindo a internet como uma importante estratégia de inserção no circuito artístico-literário. Sendo assim, este projeto procura através do estudo do site “Antologia Digital ENTER”, organizado por Heloisa Buarque de Holanda, responder a seguinte pergunta: *Como a literatura e novos escritores têm ocupado espaço na mídia digital, através do site “Antologia Digital ENTER”, organizada por Heloisa Buarque de Holanda?*

Para responder tal pergunta se faz necessário alguns objetivos com o intuito de elucidar essa pesquisa. Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o site da “Antologia Digital ENTER”, organizado por Heloisa Buarque de Holanda, destacando sua estrutura, seu funcionamento e sua contribuição para a visibilidade e institucionalização da literatura e de novos artistas na mídia digital. Alguns objetivos específicos também são de fundamental importância para o desenvolvimento e resultados desse trabalho, tais como: investigar a proposta literária e cultural da “Antologia Digital ENTER”, considerando os objetivos e intenções que norteia a estrutura e organização dessa antologia, bem como os critérios e métodos adotado para a seleção dos escritores nela reunidos, conhecer os perfis biobibliográficos dos autores e autoras reunidos na antologia digital e por fim, identificar os gêneros textuais e literários mais recursivos entre os textos compilados na antologia.

A pesquisa justifica-se por ter em vista a novidade da mídia para uma revalorização da literatura, a novidade da linguagem, palavra que vai para qualquer lugar e o fato de que, além de constituir como um campo de divulgação da literatura contemporânea, seja em *blogs*, seja pelos *sites* literários ou jornais e revista on-line, no espaço virtual também se realiza trocas entre escritores e entre estes e seus leitores. Uns lêem os outros e fazem referências entre si. Justifica-se também pelo o interesse de perceber no site da “antologia Digital ENTER”, de Heloisa Buarque, a visibilidade da literatura, que propicia um contato com a arte literária por meio de participantes escolhidos pela autora para um “encontro” prazeroso entre internautas e escritores virtuais, por meio dos hipertextos contidos no mesmo.

## 2. LITERATURA, MUNDO DIGITAL, HIPERMÍDIA

Atualmente, é grande o fascínio do discurso sobre literatura, a qual tem ocupado um lugar vantajoso na mídia digital por meio de blogs, postagens no facebook, no twitter, em sites e em outras redes sociais. Diante disso a literatura tornou-se objeto de pesquisa de muitos Licenciados que se interessam pelo assunto em discussão e por fazer parte da grade curricular das Universidades brasileiras. Tais estudantes apresentam inquietações contínuas sobre o conceito de literatura. Por via disso, percebe-se que a busca incessante para tal compreensão e definição sobre literatura é peculiar para esses estudantes. Todavia, não há um conceito único para definir o que é literatura. De acordo com Márcia Abreu em seu texto “Cultura letrada. Literatura e leitura” ela diz que a literariedade de uma obra vem também de elementos externos ao texto, como o nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor (p.41, grifo do autor).

Podemos perceber que para essa autora uma obra literária vai muito além do que meramente o texto em si. Para algo ser considerado literatura é necessário um olhar diferenciado na organização da obra. Por conseguinte, a literariedade de uma obra literária não se define somente pelo texto, mas é de suma importância levar em consideração todos os elementos externos (nome do autor, mercado editorial, grupos culturais etc.) que fazem uma obra artística ter sua completude. Não são necessariamente os elementos internos do texto (organização, linguagem e a adesão de uma convenção etc.) que legitimam uma obra, no interior da instituição artística. Sobre isso, Márcia Abreu nos diz que estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldades em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que o consagra [...]. (p. 41, grifos do autor).

Segundo a autora, concluímos que o território da literatura é um campo completamente móvel e instável, sendo que as concepções de valor estético de uma obra muda de época para época, de leitor para leitor e de cultura para cultura, e que os elementos que consagram uma arte, como os procedimentos linguísticos, as figuras de linguagens, os gêneros literários e outros elementos não a definem como uma obra literária, mas o valor estético de uma obra depende muito da formação cultural do sujeito leitor. Sendo o território da literatura uma arena completamente movediça e instável, Ana Cláudia Viegas em seu texto, “*Escritas on-line: novos modos de circulação da literatura contemporânea*”, apresenta algumas contribuições para a discussão sobre o circuito literário contemporâneo e favorece uma compreensão sobre a influência das tecnologias

hoje no contexto da literatura. Além de fazer uma ponte com o texto de Márcia Abreu, supracitado, sobre a consagração de uma obra e a importância do mercado editorial para sua legitimidade. Cláudia Viegas diz que:

À medida que o século XX avança, vão surgindo novos “culpados” para um afastamento em relação ao livro e a consequente diminuição da importância da literatura. Entre eles, têm lugar de destaque os meios de comunicação audiovisuais, como a televisão e, mais recentemente, o computador. Na contramão de uma perspectiva “apocalíptica” quanto ao “fim do livro e da literatura”, queremos pensar as interações entre estes e as novas tecnologias. (VIEGAS, 2009)

A autora deixa claro que o século XX foi marcado pelo mundo das tecnologias e consequentemente do afastamento em relação ao livro e a diminuição do interesse e da importância da literatura. Os meios de comunicação, como a televisão e o computador, segundo a autora, são os verdadeiros “culpados” por essas transformações. Contudo, novos espaços surgem para dar nova visibilidade ao literário.

A autora ainda salienta que, se na virada do século XIX para o XX, o jornal é reconhecido como o caminho mais curto para um autor chegar ao editor, atualmente, a *internet* tem sido usada como uma espécie de vitrine do texto para o público em geral e/ou os editores. Diversos jovens autores utilizam os *blogs* como oficina criativa para seus primeiros romances.

Também os editores que desejam apostar em novos autores ou os organizadores de antologias que buscam mapear um perfil da ficção contemporânea têm essa ferramenta como fonte. Esse foi justamente o trabalho preciso que Heloisa Buarque, em sua antologia digital *ENTER*, fez reunir trinta e sete escritores com a finalidade de propagar e dar uma visibilidade à palavra e ao literário no espaço virtual. Esse novo espaço não põem necessariamente um fim à literatura, mas possibilita um novo espaço de divulgação e um novo caminho de percorrer ao conhecimento literário. Diante disso, a não fixidez da literatura perpassa nesse espaço como uma opção dinâmica entre o leitor e o escritor, sendo que nesse espaço virtual, cada um tem o direito de decidir o que é e o que não é literário para si. Esse circuito moderno do literário proporciona um encontro mais prazeroso e dinâmico com a palavra que explode e está explodindo do texto por meios das hipermídias, essas que por sua vez, nada mais são que documentos contendo imagens, sons, textos e vídeos, ou simplesmente uma nova linguagem do mundo digital contidas nos sites, blogs e em outros ambientes virtuais. (BUARQUE, 2009).

## 2.1 Circuitos da literatura na contemporaneidade

De um modo geral, o espaço virtual atualmente é principalmente utilizado pela geração mais jovem. São estudantes de universidades, ou simplesmente sujeitos que estão iniciando no mercado de trabalho, uma vez que, o manuseio desse instrumento é de grande valia para essa geração atual, que tem grande facilidade com a internet. Escrevem sobre sexo, periferia, drogas, amor, um pouco de ficção científica, com tom humorístico, coloquial e às vezes intimista.

A internet disponibiliza sites com contos, crônicas, poemas, antologias e romances, como alternativas de inserção da literatura no espaço virtual. Atualmente, tem surgido outra nova alternativa, que propicia uma abertura para a literatura, o e-book, um livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs, Leitor de livros digitais, impresso, ou até mesmo celulares que suportem esse recurso.

O espaço da internet está sendo de grande significância para a inclusão da literatura nos tempos atuais. Esta, por sua vez, está “espalhada” nos blogs, chats, e-mails, antologias e em outros espaços virtuais como ferramenta de estudo, de pesquisa e de prazer, além da sua expansão enquanto arte.

Ítalo Moriconi (2005), em seu texto *“Circuito Contemporâneo do Literário”* diz que a literatura enquanto fator de mercado não morreu, o romance tradicional como forma jamais deixou de existir enquanto fator de mercado, apesar de reduzido pela estética a quinquilharia irrelevante, destinada a semiletrados. O autor afirma ainda que, enquanto fenômeno histórico, “literatura” define-se nuclearmente como arte verbal escrita, da narrativa ficcional ou da lírica, posta a circular no mercado na forma-suporte do livro, que o mercado de literatura é parte do mercado de livros, o qual, por sua vez, é parte do mercado de bens culturais - espirituais e/ ou de entretenimento e ainda que o mercado ou circuito da literatura, e, por conseguinte o conceito desta define-se como nicho, dentro do mercado de livros, reservados ao romance moderno tradicional e à poesia moderna consagrada, formas-matrizes.

A literatura enquanto fator histórico, sócio-cultural e atual é considerada uma prática comunicacional indissolúvelmente, ligada aos vínculos constitutivos, essenciais, que na modernidade articulam cultura e mercado. Foi através dos projetos nacional-estatais que a literatura ganhou espaço no âmbito escolar e universitário. A partir de uma cisão tanto prática quanto conceitual, sendo ela a literatura enquanto parte da cultura cotidiana já

citada acima e literatura enquanto parte da cultura “especializada”, formada pelo conjunto dinâmico das instituições pedagógicas.

Neste sentido, o autor discute sobre os circuitos na perspectiva da estética da recepção e da sociologia da literatura e da vida literária. Afirma que considerar a relação dos circuitos é considerar que eles ao mesmo tempo divergem entre si e se entrecruzam das mais variadas formas, ou seja, não importa os espaços que a literatura ocupa hoje, o mais importante é que esse fenômeno está presente em diversos ambientes, seja, no papel, na tela ou simplesmente na vida das pessoas. No ponto de vista de um estudo etimológico, Circuito vem do Latim *CIRCUITUS*, que significa "uma volta". Nesta perspectiva, a expressão circuito, no texto em discussão, pode ser considerada além da estética do literário como o percurso da literatura para atingir um lugar fixo, ou seja, é todo o reprocesso, retorno deste fenômeno nos espaços acadêmicos escolares, virtuais e consequentemente cotidianos.

O trabalho feito pelo autor Moriconi propicia um conhecimento vasto sobre a inserção da literatura, além de apresentar os três “pilares” da literatura através dos circuitos aqui discutidos. Sendo estes, *o circuito midiático* (ou seja, mercado maior), *o circuito crítico* (ou universitário, ou canônico), e *o circuito da vida literária* propriamente dita, esse último, nomeado pelo próprio autor. Moriconi apresenta um conceito de literatura claro e oportuno, ao dizer que o conceito de literatura funciona mais ou menos com a santíssima trindade: um é três; três são incomensuráveis entre si, mas ao fim e ao cabo convergem para o mesmo. Ao tratar dessa relação da literatura na mídia digital, o autor ainda salienta que estamos saindo do universo do texto e estamos entrando no universo propriamente discursivo, estamos entrando no universo propriamente da literatura, quando introduzimos o elemento circuito como determinante externo ou fronteiro (enquanto moldura *frame* do texto). Pois para ele o literário de um texto é efeito de circuito, dizendo que o literário é mais atributo do circuito que do texto. Nesse sentido, para o autor, a noção de circuito assimila perspectiva da estética da recepção e da sociologia da literatura e da vida literária.

Assim, o trabalho da literatura no campo virtual é uma rede que vai tecendo os novos escritores e que nos remete ao panorama literário dos anos de 1970, quando os “poetas marginais” se singularizavam e também ao “modo de produção das obras artísticas. Nesse sentido,” Buarque 2009, fala que da mesma forma que a produção marginal de muitos autores foi um trampolim para as grandes editoras, os textos atuais também migram das telas para o papel impresso. Vejamos:

Mais do que valores poéticos em voga, eles trazem a novidade de uma subversão dos padrões tradicionais de produção, edição e distribuição de literatura. Os autores vão às gráficas, acompanham a impressão dos livros e vendem pessoalmente o produto aos leitores. Pretendem assim uma aproximação com o público, recusando o costumeiro esquema impessoal das editoras ou as jogadas individuais de promoção do escritor. Planejadas ou realizadas em colaboração direta com o autor, as edições de poesia apresentam uma face afetiva e evidente. A participação do autor nas diversas etapas da produção e distribuição de seus livros determina um produto gráfico integrado, de imagem personalizada que ativa uma situação mais próxima do diálogo que a oferecida comumente na relação de compra e venda de produtos. Começa, portanto, a poesia entra em cena estabelecendo um novo circuito para a literatura e criando um novo público leitor de poesia. (HOLANDA apud SUSSEKIND, 1985, p.72)

A exposição da literatura no espaço virtual não significa que a literatura do papel não tem seu valor, sua existência peculiar, mas trata-se de estabelecer novas formas de compartilhá-las, alcançando um maior número de leitores. Além de que na “escrita de si” via internet, o trânsito entre documento e ficção, vida real e virtual, constrói uma intimidade meio encenada, meio realista, ou seja, essa forma de divulgação da arte literária é um recurso de manuseio da atualidade, que a cada dia está se expandindo e propiciando o caráter e a visibilidade de novos artistas e da própria arte.

É nesta perspectiva que surgem as antologias digitais como a antologia ENTER, para dar nova visualidade ao campo artístico literário, a propagar a existência de escritores contemporâneos e também para dar reconfiguração ao campo artístico na atualidade, que se distingue do campo moderno. Nesse sentido, Canclini (2003) diz que nos primórdios da história da cultura artística moderna, a arte culta, era um bem simbólico contemplado simplesmente por detentores do poder, entre eles, críticos, burgueses e grandes empresários, um bem simbólico de minorias, os “ponderadores” das artes, eram aqueles que visualizavam nelas tanto como objeto de capital como de prazer. As obras das vanguardas, por exemplo, muito bem consagradas, representavam um instrumento particularmente dos grandes críticos e artistas, sendo essa contemplada e assistida por poucos e escolhidos. Todavia, atualmente os campos culturais, conquistaram uma autonomia de outros que contempla o reconhecimento da legitimidade cultural por via do acesso e contemplação dos agentes, acesso este que vincula as relações entre hegemônica e o subalterno, o incluído e o excluído.

Canclini (2003) diz ainda que a expansão do mercado artístico de um pequeno círculo de *amateurs* e colecionadores para um público amplo, frequentemente mais interessado no valor econômico do investimento do que nos valores estéticos, altera as formas de avaliar a arte. Essa nova forma de avaliação da arte proporcionou e proporciona

um acesso propriamente popular da arte culta. Sendo assim, na contemporaneidade, a arte culta não é um comércio de minorias, mas um bem mais acessível visto assim por Canclini.

## 2.2 Uma antologia literária no circuito digital

Helena Tonon em seu texto “*A poesia brasileira em suas antologias: tempos e representação*”, nos diz que no campo literário, ou seja, na literatura, as antologias são recursos muito remotos: como seletas, florilégios, panoramas, coletâneas ou conjunto são algumas designações para estas reuniões de textos e autores.

As primeiras antologias brasileiras são encontradas no início do século XIX, tendo como marco o Parnaso brasileiro, de 1831, organizado pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa (Coutinho, 2001, p.244). A autora ressalva que, na primeira metade do século XX, estes florilégios desempenharam um papel especial no ensino da língua e literatura. Predecessores do que viria a ser, hoje, o livro didático, nas antologias era possível encontrar textos “exemplares” para o aprendizado da leitura e da escrita.

Na história das antologias, destaca-se Manuel Bandeira como um dos maiores antologistas brasileiros, criando mais de uma dezena de reuniões, sendo elas as *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* em 1938 e *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana em 1938*, tais antologias foram planejadas pelo o Ministério de Educação, que continha um volume dedicado a fase colonial, organizado por Sergio Buarque de Holanda, publicado em 1952.

No estudo sobre antologias do século XIX, percebe-se que a antologia de sucesso nessa época era a da comédia, consagrada como a arte mais admirada, diante do cenário polarizado pelo capitalismo. Neste cenário, também nasceu a arte romântica, porta-voz e expressão da burguesia (representada pela burguesia capitalista e industrial), que alcançara prestígio político. Dominando o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, o Romantismo é fruto da euforia e do anseio de liberdade da classe burguesa, que derrotara a nobreza decadente do Antigo Regime. Foi nesse mesmo período de manifestações liberais lideradas pela burguesia, interessada em acabar com os regimes monárquicos absolutistas de forma a interferir diretamente na condução dos destinos das nações que começa aparecer a desigualdade de oportunidades quanto à posse de propriedade e as más condições de vida das classes populares criaram assim o ambiente para que o Antigo Regime começasse a desintegrar-se. Outro acontecimento que contribuiu par o fim do

antigo regime foi o afastamento do Marquês de Pombal (após a morte de D. José e com o movimento da "Viradeira"), no tempo de D. Maria I, apareceram tendências políticas menos autoritárias - o absolutismo.

Diante desse contexto a “*Antologia do teatro brasileiro do séc. XIX*” – comédia, organizada por Alexandre Mate e Pedro M. Schwarcz e a publicação desta antologia surgem em tempos em que não havia várias edições nas quais poderiam ler textos dramáticos do século XIX que não sejam aqueles lidos nos colégios ou para vestibulares. Embora houvesse volumes com a obra completa dos dramaturgos brasileiros desse século feitos há décadas pelo Estado, não havia muitos exemplares de caráter antológico.

É justamente no século XIX que as antologias começam aparecer dando visibilidade à arte literária por meio das coleções de textos e autores reunidos em um só volume e possibilitando um conhecimento literário sobre comédia brasileira mais aprofundada. Essa antologia, além de oferecer muito prolífico especialmente durante o Romantismo, ela levou muitos intelectuais e aspirantes e escritores buscar se dedicar ao teatro como meio de se inserirem na sociedade.

Martins Pena, o pioneiro da comédia brasileira, responsável por seu desenvolvimento posterior no século XIX, autor de duas peças da antologia: *O noviço* e *os ciúmes de um pedestre* e *O terrível capitão do mato*. O primeiro texto, muito lido inclusive nas escolas hoje em dia, é um marco inicial na história do teatro nacional por estabelecer a farsa portuguesa, de origem medieval, como parâmetro para a comédia. Apesar desse lado tradicional, o teatro de Martins Pena ainda insere uma crítica social de gosto muito romântico como motor de suas tramas, que expõe a hipocrisia da burguesia carioca.<sup>1</sup>

Por fim, a antologia do século XIX teve a preocupação de possibilitar ao leitor uma viagem pela leitura no papel e por uma leitura ótica sobre as comédias, ou seja, quem não pode assistir às peças como foram montadas da época, tiveram acesso à literatura dramática nacional do século XIX. Diante disso, é de grande notório que a transformação que o romantismo proporcionou à literatura brasileira também foi de fundamental significância para o teatro, de forma bem diferente, desenvolvida pela comédia em toda sua diversidade.

Assim, como no século XIX a literatura foi marcada pela comédia, na década de 70 e 90 do século XX, destaca-se Heloisa Buarque de Hollanda com suas produções

---

<sup>1</sup> Estas ideias são discutidas no texto “Antologia do teatro brasileiro do sec.XIX- comedia.”, de autoria de Daniel. Disponível em <http://www.posfacio.com.br/2012/07/03/antologia-do-teatro-brasileiro-do-sec-xix-comedia/>. Acesso em: 27 de jul. 2014.

antológicas impressas, sendo estas, “*26 Poetas Hoje*” (década 70) e *Esses Poetas* (década 90), Heloisa fala da sua primeira antologia *26 Poetas Hoje*:

[...] A poesia marginal, ou qualquer outro nome que ela possa ter, havia surgido em meados dos anos 1970 ligada ao rock, que, num quadro de repressão política, tornou-se um dos únicos canais possíveis para a expressão do que então se chamava a geração AI-5. Essa poesia surgiu com todos os traços da contracultura, trazendo um tom irreverente e de interpelação, recusando o sistema de produção e distribuição editoriais, desafiando a tradição literária, trabalhando e vivendo em cooperativas. Como, no caso brasileiro, o panorama político era substancialmente diverso daquele da contracultura européia e norte-americana, rapidamente os movimentos culturais a ela ligados viraram o espaço de expressão de uma geração marcada pelo medo e pelo silêncio. (BUARQUE, 2009)

Para a autora, essa antologia marcou a época da poesia marginal, a qual é representada pela censura, pelo testemunho da geração AI-5 e pela sua dicção coloquial bastante humorada. Foi produzida em meio a um contexto de movimento político e cultural. A autora ainda ressalta que nesse período estavam no início da década de 70, um momento no qual as universidades, o jornalismo e a produção cultural, à imagem e semelhança do Congresso, entraram em recesso por tempo indeterminado. Também foi um momento de euforia nas artes e nas manifestações políticas. A antologia *Os 26 poetas hoje*, já é uma obra clássica para os interessados no estudo da poesia contemporânea. Tal obra, publicado nos anos 1990, já foi revista e já está em sua terceira edição.

Em sua segunda antologia impressa, Heloisa diz que:

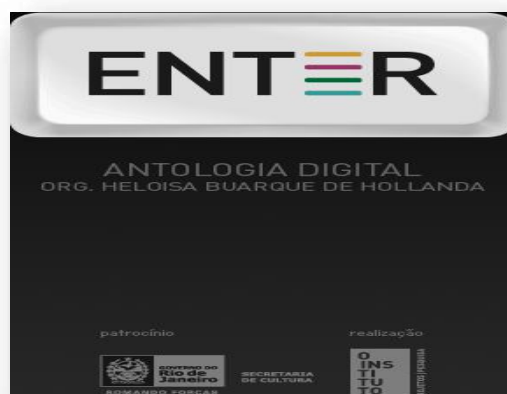
[...] *Esses Poetas* não é uma primeira e inocente antologia. É uma segunda antologia em relação a uma primeira que teve uma enorme repercussão. O que eu acho que é muito diferente na briga de agora é que está muito sem conteúdo. Isso eu acho estranho. Até porque, como digo na introdução, os poetas todos são críticos. São todos intelectuais. Os da outra antologia não. Mas suscitaram uma polêmica infinitamente mais interessante. Era um debate sobre o concretismo, um confronto com João Cabral, uma discussão sobre se aquela linguagem coloquial era ou não era herança do modernismo, se estava tudo errado, se os novos não valiam nada, enfim... Dessa vez o que vem à tona é um discurso anacrônico, pessoal, moral, estranhamente reacionário. Há realmente uma diferença séria entre a discussão de hoje e a daquela época. Na outra havia briga, mas era uma briga sobre valor estético, sobre opções políticas. Essa de agora é uma briga pequena, apática, centrada em pessoas. Não vejo traços de um debate de idéias. Fora Luiz Costa Lima, ninguém ainda tocou na antologia, na poesia mostrada pela antologia [...] (BUARQUE, não datada)

No que diz respeito à segunda antologia *Esses Poetas*, a autora ressalta que esta é quase uma ressaca da outra. Ela diz que essa antologia 90 ficou muito em evidência certamente porque a anterior lançou nomes e, à sua maneira, fez um cânone. Um cânone segundo ela, absolutamente malcriado, porque era contra tudo que era valorizado na época.

Era contra o concretismo e era contra a dicção solene. Heloisa exemplifica essa situação de cânone malcriado, representada nas figuras dos poetas estabelecidos como, por exemplo, o Nejar e outros (até João Cabral...) além da coisa “nova” na época que eram as vanguardas experimentais. Diante deste contexto, a autora deixa claro que esse cenário foi recusado pela antologia 26 Poetas Hoje, sendo eleitos aqueles que até então não estavam em lugar nenhum. Para ela, Oitenta por cento daqueles poetas ficaram e hoje destacam-se na cena literária. E acrescenta dizendo que essa reação que vemos hoje, esse segundo round, tem muito a ver com a expectativa criada pelo impacto e pela permanência da 26 Poetas Hoje. Heloisa diz: “Se eu fosse poeta, eu gostaria de entrar para essa nova antologia, porque eu veria essa inclusão como um jogo tipo loteca, tipo raspadinha”. (*Esses poetas- Uma Antologia dos Anos 90/Entrevista com Heloisa Buarque de Hollanda*).

Em suma, a autora deixa claro que a antologias *Esses Poetas* não é uma primeira e inocente antologia. Mas, diz que esta é uma segunda antologia em relação a uma primeira que teve uma enorme repercussão, mesmo em outro tempo remoto.

Assim como no século XIX, que surgem as antologias de vigor literário através do gênero comédia, também no século XXI, surge segundo BUARQUE (2009), a sua primeira antologia literária no espaço virtual, com a finalidade de dar uma possível visibilidade da literatura inserida na mídia digital, e assim como nos tempos remotos, possibilitar uma prática de leitura e de entretenimento entre autor e público, entre autor e leitor. Nos tempos atuais também não é diferente, existe uma relação entre escritor e leitor, na tela e na página dos blogs, sites e outros espaços virtuais literários. Sempre associada à poesia marginal dos anos 1970, Buarque atualmente dedica-se às escritas da periferia e à relação da palavra com a web, ela se diz “de saco cheio” de discutir o que é ou não é literatura. Por isso, define a antologia digital *ENTER* como uma amostra das “práticas literárias” contemporâneas.



A figura acima refere-se ao emblema da Antologia Digital, a qual é objeto dessa pesquisa. Após acionar o endereço eletrônico, <http://www.oainstituto.org.br/enter/>, o internauta irá encontrar essa imagem na tela do computador, sendo assim, ele poderá clicar na tecla *enter* do seu computador e estará adentrando na antologia.

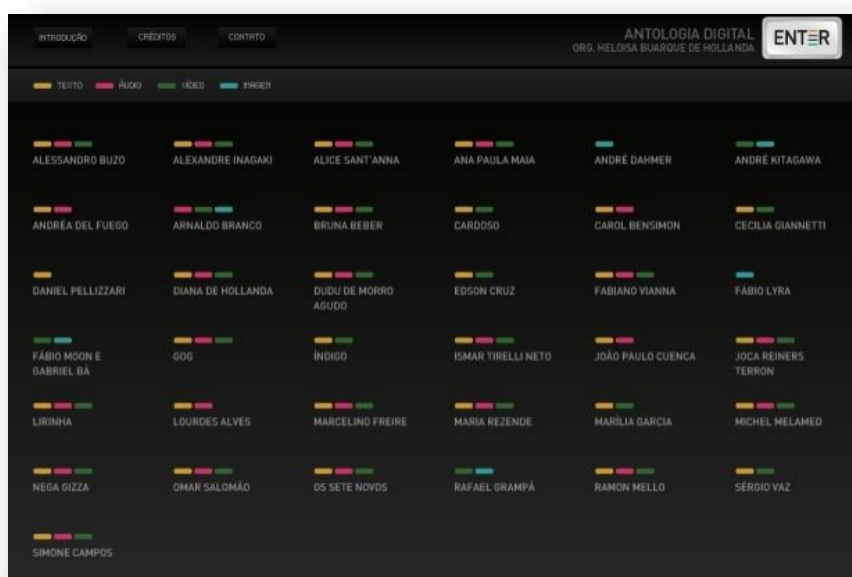
Buarque (2009) explica que com toda essa tecnologia Digital dando vários suportes, *ENTER* é uma convergência de mídias e que a palavra explodiu, ela vai pra todos os lugares. A palavra não pode ficar presa no texto hoje, pois segundo ela, a palavra pode sair do texto e ela está saindo do texto. Em uma de suas entrevistas na web, a autora fala que uma antologia é uma obra autoral e é o autor da antologia que diz o que ele gosta. Isso não quer dizer que ele esteja certo ou que ele está errado. “Gosto não se discute”, diz a autora. Ela fala também sobre os truques de qualidades essenciais para escolha dos escritores para fazer parte da antologia, sendo que uma pessoa escreve melhor do que a outra, outra pessoa tem o espaço simbólico mais rico, tem gente que tem mais o que dizer, tem gente que tem pouco o que dizer mais diz bem. Para ela o que é colocado em uma antologia é aquilo que o autor da antologia gosta. Ela ressalta que colocar na antologia *Historia em Quadrinhos* (HQs) como sendo literatura, esse gênero será lida de outro jeito. O que ela acha politicamente importante o criador das antologias fazer é pegar uma coisa que todo mundo diz que não é literatura e o autor mostrar algo, como por exemplo, a HQS e dizer que esse gênero pode sim ser literatura, a partir daí todos terão o mesmo olhar pode ser que não concorde mais vai olhar de uma forma mais qualitativa. Buarque, 2009, diz que:

[...] A poesia para mim tem múltiplas funções, entre elas, a função de I Ching. Quando tento compreender novas tendências ainda mal definidas, novos *ethos* emergentes, paro tudo e leio os poetas emergentes. É provável que o próprio desprestígio da poesia como valor de mercado permita que os poetas arrisquem mais, vejam mais longe. Sem nada a perder, sem muito a ganhar, os poetas ganham em liberdade e lucidez.” (BUARQUE, 2009).

Para Buarque a identificação e a análise de micro-tendências do horizonte cultural e intelectual sempre foram o eixo de seu trabalho, e que a poesia pode ter se tornado um instrumento operacional interessante para o desenvolvimento do seu trabalho. Ela acrescenta dizendo que mesmo com o desprestígio da poesia enquanto valor de mercado é possível através deste, os poetas fazerem um caminho em que eles possam se arrisquem sem nada a perder, mas que façam uso deste “*mercado*” para arrisquem e divulgar suas construções literárias com um olhar mais longe e arriscado, ganhando assim a autonomia de uma liberdade e lucidez.

Aos novos *ethos* emergentes, Buarque (2009) sente a necessidade de criar uma antologia para se fazer valer um espaço digital e ao mesmo tempo cultural em que novos escritores possam contribuir com a visibilidade da literatura mediante suas criações literárias por meio da palavra. A esse espaço ela o chamou de Antologia Digital ENTER.

Neste portal “Antologia Digital ENTER”, apenas com um clique na tecla ENTER, você conhecerá toda estrutura, funcionamento e novos artistas na área da literatura digital. O portal possui um plano de fundo de cor preta, a qual possibilita a visualização do elemento gráfico (que mostra uma progressão ou etapas sequenciais em uma tarefa, um processo ou um fluxo de trabalho), correspondente às cores de cada hipertexto e os nomes dos participantes, escritos com letras maiúsculas na fonte Arial. O amarelo corresponde aos textos, os quais dizem respeito aos poemas, letras de músicas, contos, narração e HQs, com temas pertinentes à contemporaneidade, como por exemplo, subúrbio, trabalho, drogas, democracia racial, favela e outros. Na cor rosa encontram-se os áudios, estes por sua vez, tratam-se da narração de um texto existente em cada siberlink de cada participante, narrado por ele mesmo, ou por outra voz. O verde remete aos vídeos, que apresentam um dos textos dos autores contido no site, ou simplesmente outras produções que não estão no portal, porém sem possibilidade de acesso, pois, quando clicado a tecla *play* dá erro, dizendo que a página não poderá ser aberta no momento. Por fim, o azul, que traz as imagens, ou seja, uma visibilidade das HQs. Observe a imagem a seguir.



Essa figura é a reprodução da primeira página da antologia, a qual contém os siberlinks dos escritores. Cada espaço individual desses autores remete às suas obras, seja as Histórias em Quadrinhos, a música, o poema, o conto, enfim. Também nos siberlinks o internauta encontra o resumo da biografia dos autores. Isso permite que tenhamos um conhecimento breve sobre os autores reunidos nesse espaço coletivo e ao mesmo tempo individual, o que é possibilitado simplesmente pelo espaço da hipermídia.

No portal “Antologia Digital ENTER”, inicialmente encontra-se também a introdução do site apresentada pela organizadora, a qual explica o funcionamento da tecla ENTER, no computador e no site. Como podemos conferir:

Hoje tenho a convicção de que, para pensar a literatura hospedada na internet, é absolutamente imprescindível que se pressione a tecla ENTER, ou seja, se aceite o rito de passagem que é entrar em outra lógica de percepção, experimentar novas relações com a palavra, com a comunidade de autores, com a idéia de literatura e de crítica literária, com as idiosincrasias e paixões da vida literária na web. Um primeiro susto que se leva mergulhando no universo digital e no ambiente da internet é a evidência da explosão da palavra, em todas as suas formas, dicções, gramáticas, sintaxes. Diante do assédio dos fluxos de informação e da popularização das tecnologias digitais, a resposta é a atual desenvoltura da palavra que avança segura neste novo espaço público e sua disseminação geopolítica. (BUARQUE, 2009)

A autora, explica o funcionamento da tecla ENTER em sua antologia, pelo comando que ela exerce no computador, uma vez que, para adentrarmos em uma página qual quer que seja ela, no computador é preciso primeiro dar um *ENTER* para então entrarmos na página desejada. Explica Buarque (2009),

Em teclados de computadores, a tecla ENTER leva um comando, ou uma a linha de comandos, a operar sua função default. Ou seja, ENTER dá início a um processo, equivalendo assim a um OK. No design de alguns teclados, a tecla ENTER aparece como RETURN, com uma seta apontando para baixo e para a esquerda, e geralmente exerce a mesma função de ENTER. Em alguns programas, trabalha como um comando de cursor, servindo para mudar de linha ou abrir um novo parágrafo. Apesar de pequenas variações, dependendo da configuração de diferentes sistemas operacionais, programas e comandos, ENTER, invariavelmente, cumpre a função de levar seu usuário a uma nova lógica / linguagem / espaço, ou mesmo, simplesmente, a um novo parágrafo. É uma tecla usada também em calculadoras, caixas eletrônicas, leitores de cartão de crédito e games. [...]. (BUARQUE, 2009)

A autora explica a escolha do título desta antologia, a qual foi sugerida pela aventura que oferece a tecla ENTER, mas, antes de qualquer coisa, é uma citação e uma homenagem a sua à Carmen um grande coreógrafa em que utiliza do termo ENTER em uma de suas coreografias.

Há também a descrição da organização do site (crédito), que tem como organizadora Heloisa Buarque, Bruna Beber e Cecília Giannetti como consultoria e participantes do site, além de outros colaboradores. Por fim, a opção contato, que, ao clicar abrirá uma página escrita *“este blog esta aberto exclusivamente a leitores convidados. Parece que você não foi convidado para ler este blog. Se achar que trata-se de um engano, recomendamos que você entre em contato com o autor do blog e solicite um convite”*. Não possibilitando o acesso livre do pesquisador ou dos internautas. É um site fechado, ou seja, o visitante não tem liberdade para fazer comentários nem postagens.<sup>2</sup>

Neste site literário, podemos encontrar 37 escritores (13 mulheres e 14 homens) no campo dos estudos literários, alguns com reconhecimento notório nesse campo, e outros não reconhecidos. No próprio site, encontram-se apadrinhamentos, ou seja, no ciberlink de cada participante do site existe a indicação de uma pessoa que indicou a participação de tal escritor na antologia. Cada indicador tem seu nome e endereço virtual, abaixo do link dos seus indicados. Essa dinâmica de apadrinhamento na antologia favorece o envolvimento de outros contribuintes desse espaço que faz a divulgação e a visibilidade da literatura.

Falar do campo artístico na atualidade e da escrita literária no ciberespaço é falar de outras artes, outras linguagens, outros gêneros, que para aí convergem. É falar de hipermídia, que é, ao mesmo tempo, a mídia e a linguagem da internet. Por outro lado, posso pensar em outros tipos de relação: da literatura que “está na” internet (daí é uma conversa meio analógica), da literatura que “sofre influência da” internet (ou sofre influência desses tempos de internet, como a literatura da modernidade sofreu da máquina a vapor) e da literatura que “se constrói a partir” da internet, quando a rede não é só um suporte, mas uma ferramenta de criação. Sendo assim, Munari (2011) afirma que a internet pode ser suporte, pode ser ambiente (sócio-político-econômico), e pode ser ferramenta. Em todos esses casos, pode-se pensar na internet como mais uma possibilidade de aproximação entre a literatura em livro impresso e o leitor. Ou se pode pensar na internet como a desconfiguração do literário.

Essa desconfiguração do literário, segundo a autora, dá-se quando a literatura produzida em livro é transferida para a internet – tornando-a seu suporte – ela costuma figurar em websites voltados especificamente para o mundo das letras: páginas de instituições, de editoras, dos próprios autores, revistas eletrônicas, e ainda em portais de

---

<sup>2</sup> Tentei fazer o convite para entrar em contato com o autor do site e não consegui realizá-lo.

comunicação, como os jornais digitais. Munari (2011) ainda salienta que a literatura produzida em livro é transferida para a internet, muito frequentemente ela aparece em blogs e redes sociais, em fragmentos, recriações, comparações, geralmente com comentários, acréscimos, recortes, manipulações digitais. Por fim, a internet também influencia a produção literária, mesmo em papel. Não apenas porque ela transformou o ambiente em que habitam escritores-leitores de mundo, mas também porque alarga as possibilidades imaginárias para os criadores – passear pelas ruas de Verona pelo Google

Na antologia *ENTER*, a organizadora Heloisa Buarque não apresenta uma definição de literatura, mas também faz uma desconfiguração do literário quando apresenta algumas hipermídias definindo-as como literatura. O conceito e a desconfiguração de literatura discutido por ela é apresentado no site pela “movimentação” da palavra que abarca os diversos textos que compõem a antologia e que a tornam um “livro” de textos heterogêneos, mas que convergem para a mesma direção dando uma significação à palavra como expressão da linguagem literária e possibilitando uma oportunidade de descoberta do prazer desta palavra no ambiente “www”.

Para autora, a palavra na web vem de maneira discreta como a própria mídia pessoal dos blogs pessoais e literários e logo explode sem aviso prévio em uma representação por práticas literárias que inovam, remixando linguagens, gêneros e suportes. No site, apresenta-se a palavra rimada, a própria poesia presente na prosa, na dicção do cotidiano, a prosa vinculada na música, em fim é a desenvoltura da palavra que avança nesse novo espaço público. A autora salienta que:

[...] A palavra pirateada, hackeada, explorando as novas possibilidades tecnológicas dos ipods e podcasts, buscando a expressão visual, as formas dramatizadas, trabalhando fronteiras imprecisas, expandindo seu potencial de arte pública. Seguramente, Umberto Eco não exagera quando anuncia a chegada do século da palavra, fechando de uma vez por todas o domínio da imagem que marcou o século XX. (BUARQUE, 2009)

Muitas perguntas são lançadas à autora sobre um assunto que não se cala no panorama da crítica literária, “o que é literatura?”. Em uma de suas entrevistas, a autora deixa claro que:

[...] Chamemos de literatura aquela produção textual conhecida por seu padrão canônico e de práticas literárias aquelas outras formas de expressão verbal ou escrita que hoje se expandem na web e fora dela com grande força e criatividade. (BUARQUE, 2009)

Evidentemente, para Heloisa há mais um significado na explosão e revelação da palavra por meio dos textos trazidos na antologia e no espaço virtual do que simplesmente

deter-se ao conceito de literatura, onde a palavra “explode” e sai do papel, para expressão de uma linguagem diferenciada em meio a tantos vagos conceitos sobre literatura. Para autora, a dinâmica na web é fascinante exatamente porque consegue abrigar e potencializar um sem número de práticas literárias diversificadas, incluindo-se aí a literatura, como é tradicionalmente definida com seus critérios de valores, qualidade, permanência e fundada na legitimidade da função autor. (BUARQUE, 2009), ou seja, existe um circuito dessa literatura na rede que beneficia sem dúvidas uma visibilidade através da facilidade de acesso, o qual, só é permitido pela natureza relativamente aberta e descentralizada da web.

O espaço da internet é uma ferramenta de venda e divulgação de livros impressos. Uma grande parcela das vendas de livros em papel é feita através da internet, como é o caso das livrarias virtuais Saraiva, estande virtual, etc. Elas dispõem de grandes influências para produção literária, mesmo em papel, não simplesmente pelo fato de que nesse espaço habitam escritores - leitores de mundo, mas, sobretudo por alargar as possibilidades imaginárias para os criadores – passear pelas “ruas” do Google.

O site em discussão apresenta uma explosão da palavra por meio das hipermídia ali encontradas. Essa linguagem trazida através dos textos é uma representação da palavra em todas as suas formas, dicções, gramáticas, sintaxes. As faces da literatura na antologia digital *ENTER* são apresentadas por meio da diversidade de textos encontrados na antologia por meio dos ciberlink de cada escritor, uma vez que, cada um deles possui dentro do próprio site seu espaço de divulgação e visibilidade da literatura.

Buarque (2009), não fica presa ao conceito de literatura, não apresenta uma nova possibilidade de fazer-se literatura por meio das histórias em quadrinhos, deixando claro que nem o leitor, nem a crítica literária precisam necessariamente ver as QHs como sendo literatura, mas que um novo olhar para esse gênero é dado quando apresentado nessa ótica de literário. A noção de literatura defendida por Buarque (2009) dada a sua não fixidez, a sua variabilidade e sua volubilidade, conduz com o conceito de hipermídia -, com vista a um delineamento mais apurado, com destaque em Piere Levy(1996).

A Antologia Digital ENTER apresenta obras de diversos artistas apresentadas em diferentes suportes midiáticos como (vídeos digitais, áudios, músicas, texto na tela e na pagina da Web, entre outros) podem se destacar como ferramentas úteis na formação e na transmissão de conhecimentos literários. O conhecimento que antes era passado através da oralidade, e do papel impresso pode hoje ser perpetuado para futuras gerações através das antologias e dos sites espalhados na mídia digital. O uso desses suportes mediáticos nas mídias digitais por parte dos escritores e dos críticos literários de cultural digital podem se

tornar poderosas armas num momento da história que, cada vez mais, tende a se desmaterializar e se auto-inventar através da tecnologia e dos meios de comunicação, a exemplo do que já faz a música, a literatura e as artes visuais – que estão absorvendo o que a tecnologia e os meios de comunicação contemporâneos podem oferecer.

Nesse contexto, a hipermídia vem sendo um desses suportes mediático contemporâneo de grande significância para a expansão da literatura contemporânea no ambiente de produções multicódigos. Diz Lévy que:

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia. (...) Perdendo sua afinidade com as idéias imutáveis que supostamente dominariam o mundo sensível, o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura (Lévy, 1996, p.48).

O autor estende esta análise para os outros “textos”, como as imagens e as “músicas” do ciberespaço (sons?), que ficariam sempre na dependência de uma apropriação singular que remeteria a uma determinada interpretação, ligado a uma pertinência local, a um plano semiótico desterritorializado e a uma “trajetória de eficácia ou prazer”. A intenção do autor perderia espaço para a produtividade gerada pelo próprio texto. Tal leitura do processo semiótico usa novamente a desconstrução, ao se basear na particularidade de critérios como apropriação singular, pertinência local, desterritorialização e interesses específicos do leitor. A significação é vista como construção de sentido num contexto semiótico limitado, sem possibilidade de interpretações de caráter geral.

Na sua análise da virtualização do texto, Lévy afirma que, com a digitalização, o texto e a leitura receberam um novo impulso e uma mutação em direção, talvez, a uma futura ideografia dinâmica. Nega, a possibilidade do fim da escrita, afirmando, ao contrário, que a virtualização pode vir até a desvelar a essencialidade do texto, seu dever, saindo de uma pré-história e chegando, de fato, à verdadeira invenção da escrita.<sup>3</sup>

A hipermídia apresenta características dinâmicas em termos de construções significantes e o principal traço do que podemos denominar hipermídia é a conjunção básica de três elementos que se associam a outros: imaterialidade, interatividade e

---

<sup>3</sup> Estas ideias são discutidas no texto “O conceito de Virtualização de Piere Lévy e sua aplicação em Hipermídia.”, de autoria de Francisco José Paoliello Pimenta. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP8PIMENTA.PDF>. Acesso em: 27 de jul. 2014.

velocidade. Todo ambiente hipermídia, desde a sua estruturação até o acesso interativo de informações e construções, é considerado como um modelo semiótico de representação aberta que apresenta interfaces com o usuário e cujo volume de informações produz, paulatinamente, novas referências sígnicas.

Bellei (2002) em seu texto “Autores, Leitores e a Nova Textualidade”, nos fala que a escrita eletrônica é marcada pela diversidade de conexões imediatas entre blocos de significados interligados em um vasto banco de dados, constitui uma nova forma de textualidade que altera significativamente o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor. O que caracteriza formalmente essa nova forma de textualidade.

Nesse sentido, é possível perceber através desta nova escrita eletrônica uma aproximação entre autor e leitor, entre leitor e o texto por meios dos hipertextos que estão em constantes circuitos através desta nova técnica de escrita por viés da virtualidade, principalmente no que diz respeito a manifestação artística literária. Uma vez que segundo o autor, o conceito de hipertexto, enquanto um banco de dados ligados em rede assemelha-se ao conceito de texto. Essa nova textualidade favorece um olhar diferenciado e novo no que diz respeito a leitura e escrita, o autor e o leitor, a tela e a página.

Nessa perspectiva o trabalho com escrita eletrônica na antologia de Heloisa Buarque propicia uma aproximação da literatura constituída no papel e na tela do computador, facilitando o acesso dos internautas com a literatura no ambiente virtual, além de outros trabalhos da literatura nos ciberespaço, como se refere Pierre Lévy (1999).

### 3.0 A ANTOLOGIA E SEUS HIPERTEXTOS

Neste capítulo, interessa, principalmente, discutir sobre os hipertextos no espaço da hipermídia no site da “Antologia Digital *ENTER*” através de uma ótica que permita a visibilidade e valorização da literatura em um espaço diferenciado do papel impresso, mas que assim como este possibilita uma articulação das novas formas de práticas literárias e possibilita também um lugar para novos escritores que desejam divulgar e tornar conhecidas suas construções poéticas. Assim, Luciano Lima (1996, P. 02) nos diz que:

A essência do virtual é a representação da realidade, simulando um tempo e um espaço, ou melhor, uma temporalidade e uma espacialidade espaciais, em uma dimensão espectral. Não se trata de uma dimensão paralela ao real, pois real e virtual se interagem, em diferentes pontos. O literário- como o virtual- é também representação, embora seja muito mais que isso, pois possui certo grau de autonomia em relação ao real.

Compreende-se que a utilização dos hipertextos no espaço virtual mostra a representação do texto em sua essência, com a mesma significância e possibilidades de leituras que um texto literário impresso possibilita aos seus leitores. A antologia *ENTER* comporta uma complexidade de hipertextos, sendo eles: a música, o poema, o design, as Histórias em Quadrinhos, as Tiras em Quadrinhos, a imagem, entre outros que oferecem toda a movimentação do site influenciando assim na leitura e na escrita, pois os mais modernos dispositivos da informática contribuem por tornar a obra mais acessível.

O ciberespaço é um meio que afeta a instituição do livro e do texto impresso na medida em que se tornam mais acessíveis e desejados. Por outro lado, a mesma técnica, além de torná-lo mais disponível, torna-os mais vulgarizados, mais lidos e são de suma importância para que novos escritores tornem conhecidos não apenas no espaço virtual, mas também para as academias, para os textos impressos, para os trabalhos de pesquisas e para sala de aula, através das suas construções literárias, dando uma significação no ato da “função-autor”.

Ao tratar do hipertexto e dos autores no espaço virtual, nos quais a figura do autor pode estar diluída e perder sua legitimação, é a “função-autor” que é considerada, tanto no que diz respeito à literatura no papel, quanto à literatura na tela. Essa função configura uma veemência narrativa que está próxima de um trabalho organizado por um sujeito-autor que se manifesta em ambos os meios, uma vez que as produções literárias impressas ou

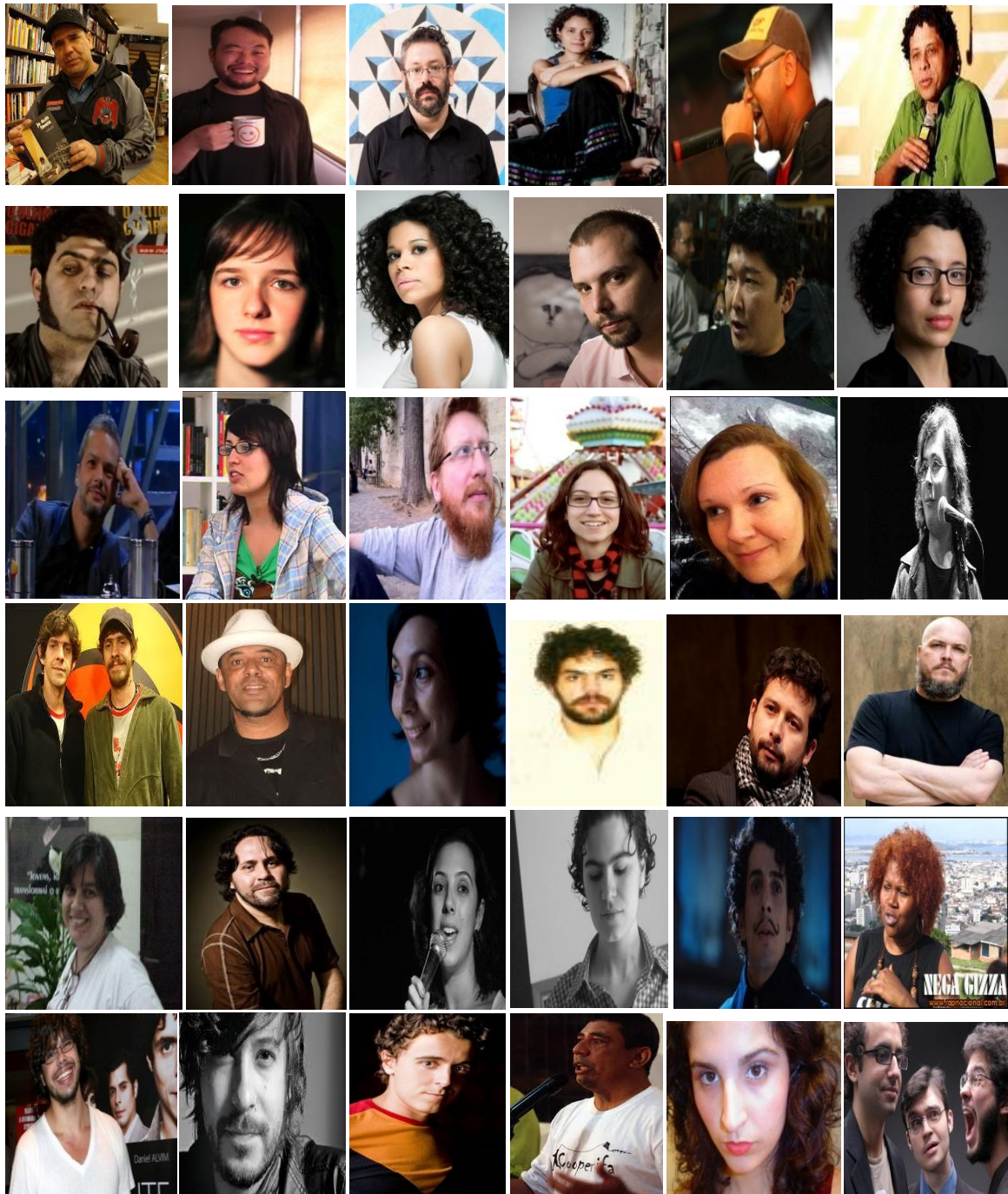
hipertextuais são, por conseguinte, resultados de um trabalho funcional por parte do autor, que se utiliza de artifícios arquitetados (de si ou de suas impressões) para a elaboração e construção de seu texto.

Neste sentido, a “função-autor” não se constrói simplesmente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 14). Ou seja, o sujeito autor se faz pelo reconhecimento de seu nome, em delimitarmos, recortarmos e caracterizarmos os textos que lhe são atribuídos e não simplesmente pela atribuição a um indivíduo criador. Assim, com o novo espaço virtual e, sobretudo, como um espaço de hipermídia, não só o leitor, mas o escritor também se transformou com as tecnologias da produção da escrita, sendo que esse ganhou um espaço para agregar suas construções. A hipermídia nada mais é do que um ambiente para o texto, este que através da palavra em suas diversas manifestações dialogam com as novas práticas literárias, principalmente na Antologia *ENTER*, que disponibiliza de uma diversidade de hipertextos e de novos escritores, sendo esses de fundamental importância para divulgação, visibilidade e institucionalização da literatura no ambiente virtual. Sobre isso, Luiz Felipe Reis, no *Jornal do Brasil* em 2010, nos diz que:

Helôisa explica que o fascínio com o universo da literatura reside na potencialidade de práticas literárias diversificadas, não só a literatura. É claro que esta, com seus critérios de valor, qualidade e legitimada na função autor também circulem livremente na rede. Não existe uma literatura de internet, mas, sim, práticas literárias na rede, que são diversificadas. E a antologia mostra que o que explodiu foi a palavra. Não foi a literatura no ponto de vista tradicional e canônico. (Luiz Felipe Reis/*Jornal do Brasil* 2009)

Neste sentido Buarque (2009) deixa claro que as novas e diversas práticas literárias construídas pela “função-autor” é quem dá um novo formato na palavra e uma nova arte verbal cibernética. Ou seja, a diversidade de temas acompanha a diversidade de formatos dessas produções, o que contribui para o valor artístico da antologia, conferindo-lhe um significado importante quanto à intenção da organizadora na criação desse espaço literário, cultural e hipermidiático.

Esse cenário de hipertextos é inserido no espaço da antologia *ENTER* através das práticas literárias produzidas pelos autores ali reunidos. Tais autores são músicos, cartunistas, apresentadores de TV, editores, poetas, web designers, produtores culturais e artísticas, jornalistas etc. Escritores que têm uma relação com a palavra, com a linguagem, sejam por meio da poesia ou criando animações. Sendo eles:



Alessandro Buzo, Alexandre Inagaki, Daniel Pellizzari, *Daiana de* Hollanda, Dudu de morro, Edson Cruz, Fabiano Vienna, Alice sant'Anna , Ana Paula Maia, André Dahmer, André Kitagawa, Andréa Del Fuego, Arnaldo Allemand Branco, Bruna Beber Franco, André Czarnobai Cardoso, Carol Bensimon, Cecília giannetti, Fábio Lyra, Fabiano Moon e gabriel Bá, Genival Oliveira, Índigo, Ismar Tirelli neto, João Paulo Cuenca, Joça Reiners Terron, José Paes de Lira, Maria de Lurdes Alves, Marcelino Freire, Maria Rezende, Marília Garcia, Michel Melamed, Giselle Gomes Souza, Osmar Salomã, Rafael Grampá, Ramon Mello, Sérgio Vaz, Simone Campos, Os Sete Novos são Augusto de Guimaraens

Cavalcanti, Domingos Guimaraens e Mariano Marovatto. Augusto de Guimaraens Cavalcanti.

O que nos chama atenção nesses nomes é a diversidade. A antologia observa como todos esses autores encaram e exercitam diferentes práticas da palavra, assumem essas novas modalidades e as expõem na web e nas ruas. Na antologia *ENTER*, as palavras ganham um novo formato. Luiz Felipe Reis diz que a palavra, nessas novas formas, se apodera do estudo da literatura e da prática literária por meio da hipermídia.

Na antologia *ENTER* e seus hipertextos, além da diversidade dos escritores, o conteúdo fantástico de produção de Heloisa Buarque é a evolução da palavra, o circuito da palavra, que vai além da mera classificação de gêneros textuais. Neste espaço, a palavra é a norteadora para a expressão poética. É nesse espaço de hipermídia que a literatura ganha uma nova ótica, um novo formato, pois, segundo Winck (1997), no livro “Linguagens líquidas na era da mobilidade” de Lúcia Santaella (2007) diz que a hipermídia refere-se à qualidade semiótica intrínseca as tecnologias que operacionalizam recursos de navegação, busca e atualização de informações de em um campo de referências multidirecionais.

### 3.1 No espaço da hipermídia



Na hipermídia, todos os dados disponíveis como as imagens, os sons, as cores, os gráficos, os desenhos, os gráficos, as texturas, o design e outros estão presentes neste espaço para um agrupamento de sentidos. E para que esse agrupamento possa complementar-se o uso dos textos, das palavras, das imagens animadas ou fixas se faz necessário para intercambiar funções na trama de uma textura comum. A hipermídia ainda é capaz de armazenar sons, ruídos, vozes, músicas, além de ser um espaço das variáveis comunicações verbais, visuais e auditivas. Um espaço de armazenamento que comporta uma diversidade de linguagens e manifestações da língua. SANTAELLA, 2007 afirma que:

No início, os sistemas hiperímia só podiam ser armazenados no computador ou em um suporte externo, CD-ROM, mas quando os sistemas multimímia em rede comeam a se desenvolver, com a WWW, a internet adquiriu a capacidade de fornecer interatividade hiperímia. Depois de colocadas em formato digital, qualquer dado híbrido (textual, sonoro, visuais) podem ser sintetizados em qualquer lugar e a qualquer tempo para produzir produtos com idênticas cores e sons. Desse modo, os dados independem do lugar e tempo de sua emissão original ou de uma destinação determinada, pois são realizáveis a qualquer tempo e em qualquer espaço. São telegrafáveis. (SANTAELLA, 2007).

É neste espaço de hiperímia que as produções da “Antologia *ENTER*”, se fazem hipertextuais e essa hipertextualidade modifica a própria concepção tradicional de literatura. Pois o texto literário já não se limita ao papel e aos gêneros ortodoxos. Feito eletronicamente, nos vários formatos que se tornam possíveis pelo computador, o literário ganha novos ares e inclusive se mistura, se hibridiza.

O acesso não linear que a informática propicia é um dos principais elementos capaz de caracterizar a linguagem hipertextual no espaço virtual. No hiperespaço, a linguagem não se compromete com uma linearidade, é um espaço que favorece um meio de acesso à informação através de vínculos associativos que unem um determinado assunto a outro sem a existência de hierarquia. Neste sentido, as produções na antologia digital *ENTER* se fazem hipertextos, pelo fato desses propiciarem aos leitores uma maneira de interação eminentemente interativa, pois o leitor não pode usá-los de modo linear, pois a não linearidade é uma característica do mundo digital, não havendo início, meio e fim. A maneira como irá ler o texto, o tempo em que ela fará a leitura, a escolha livre do tema que quer lê e em que sequência será feita a leitura são escolhas dos usuários, que só são possíveis através do hipertexto e de sua enorme concentração de informação na hiperímia. Toda essa movimentação do texto propicia uma hipertextualidade, modificando a concepção tradicional de literatura, uma vez que o texto não encontra-se limitado ao papel nem somente aos , mas converge para um espaço hipermediático com seus diversos formatos e linguagens. Lúcia Santaella, 2007, nos diz que:

A hiperímia é, portanto, uma extensão do hipertexto. Ela vai além da informação escrita, permitindo acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos (símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, mas também todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, músicas, sons, imagens fixas e animadas). Em ambos os casos, o termo “hiper”, se reporta estrutura complexa alinear da informação. (SANTAELLA, 2007).

O conceito de hiperímia segundo a autora corresponde a uma expansão de aglomerações que vai além da informação da escrita e ao que se leem, mas oferece uma

dinâmica de leitura que é independente do acesso sequencial. A hipermídia segunda a autora é um espaço de multimídias possível de navegar através de palavras - chaves semi-aleatorias. Assim, a hipermídia significa “a interação sem suturas de dados, imagens de todas as espécies e som dentro de um único ambiente de informação digital”. (Feldman, 1995 Apud: Santaella, 2007).

No ambiente virtual, principalmente no site Antologia Digital *ENTER*, há uma diversidade de hipertextos disponíveis aos seus leitores, através da hipermídia, essa que possibilita uma orquestra de sentidos. No site em questão é possível perceber como se dá o processo de agrupamento já falado neste trabalho. Uma complexidade de textos, áudios, vídeos, músicas, designer etc. Disponho a partir de agora mostrar alguns desses hipertextos disponíveis na antologia. *ENTER*, através do espaço de siberlink e dos sites de alguns autores.

### *3.1.1 Histórias em Quadrinhos*

Entende-se como História em Quadrinhos (HQs) um gênero textual de caráter narrativo, com uma linguagem gráfica, construída através da escrita e das imagens, possibilitando ao leitor uma leitura bastante prazerosa e dinâmica. Aparentemente, a HQ apresenta uma linguagem simples, possível ao entendimento de qualquer criança. Contudo, é necessário compreender que as Histórias em Quadrinhos não possuem característica de uma concepção errônea de ingenuidade e infantilidade. Concepções essas, que levam alguns indivíduos a acharem que sua linguagem é fácil de ser apreendida. Sobre isso, Roberto Elísio, em seu texto “Leitura semiológica dos quadrinhos”, diz que a compreensão de um produto cultural tão complexo com a História em Quadrinhos exige a identificação de seus elementos característicos e da maneira como sua narrativa é articulada. Neste sentido, a HQ não deve ser vista e estudada como simplesmente um produto com linguagem fácil, capaz de despertar no sujeito leitor uma prática prazerosa e insignificante de leitura, sem uma compreensão da sua construção e dos artifícios que compõem a sua narrativa, ou meramente os elementos que compõem a “semântica”. Há nessas Histórias significância de leitura, compreensão e aprendizagem na articulação da sua narrativa. Faz-se necessário compreender este meio de expressão através de sua iconografia característica, na articulação dos elementos verbais e visuais que são utilizados para construir a narrativa sequencial impressa e /ou digital. Umberto Eco (1979, p. 145) em relação os elementos pertinentes à linguagem quadrinhográfica, diz que esses “compõem-se numa trama de

convenções mais amplas, que passa a construir um verdadeiro repertório simbólico” facilmente percebido e decodificado pelo público, que foi se acostumando com este repertório a as normas que regulam seu uso, ao longo da evolução dos quadrinhos.

Roberto Elísio dos Santos (2002) em seu texto “Leitura semiológica dos Quadrinhos”, diz que vale lembrar que este produto cultural massivo é fruto do desenvolvimento da imprensa e das técnicas de reprodução gráfica a partir do século XVIII. Das charges políticas e ilustrações sequenciadas editadas em jornais, passando em histórias em estampas (muito populares no século XIX), até as tiras suplementos dominicais, revistas e álbuns de quadrinhos e as *graphic-novels*, mais recentes os quadrinhos foram criando e incorporando novos códigos ao sistema de significação da história em quadrinhos.

O autor faz uma retomada sobre o surgimento das Histórias em Quadrinhos, trazendo o contexto em que esse produto cultural tornou-se bastante apreciado pelo leitor, este que, por sua vez, as assimilou e passou a relacioná-las com a narrativa: A presença da História em Quadrinhos tornou-se tão natural quanto o texto dos diálogos ou o estilo do desenho adotado pelo artista, diz o autor.

Atualmente, a História em Quadrinho tem ocupado um espaço no ambiente virtual, sobretudo na “Antologia Digital *ENTER*”, contendo uma visibilidade digital de hipertexto pela autora Heloisa Buarque de Holanda, leitores visitantes e escritores da Antologia *ENTER*. A autora consagra a História em Quadrinhos como uma arte literária. Diante do valor e da evolução absurda da qualidade dos quadrinhos, que ultimamente tem sido muito utilizado nas salas de aula, através dos planejamentos e sequências didáticas, para promover uma prática de escrita e leitura. A autora traz esse gênero para dentro da sua antologia, mas como uma arte literária, não meramente um gênero textual utilizado muitas vezes pelos professores simplesmente como recurso para trabalhar “os erros de escrita” exigidos pela gramática normativa.

Buarque (2009), ao apresentar-nos a História em Quadrinhos como arte literária, tem a intenção de nos chamar a atenção para a evolução da palavra e que esta pode estar em vários lugares de diferentes formas. A arte literária está presente na História em Quadrinhos. Os elementos líricos ou poéticos não estão ausentes neste gênero, mas o caracterizam também como poesia, como literatura. A arte ali presente esta na capacidade que as histórias em Quadrinhos filtram em nós quando se procede de uma análise mais detalhada por meio da linguagem iconográfica. Ela propicia, através desta prática, que seus



Ao elaborar uma sintaxe dos Quadrinhos encontram-se alguns elementos que têm uma função expressiva na narrativa quadrinhográfica e que, por sua utilização constante, converteram-se aos olhos quadrinhistas e leitores em código facilmente reconhecíveis e necessários para a integração dos signos gráficos (a imagem e a linguagem escrita) característicos da História em Quadrinhos e para o desenvolvimento da narrativa.

Se observarmos nos quadrinhos acima, poderemos perceber traços dessa gama de elementos entendidos universalmente (imagem e escrita verbal e não-verbal). Percebe-se ainda que nos quadrinhos em análise aparecem dois diferentes tipos de espaços nos quais está contida a linguagem escrita. No primeiro, no segundo (apenas o de cima), no terceiro e no quarto os espaços da escrita são os mesmos, ou seja, esses espaços referem-se aos balões de fala. Já o segundo balão do segundo quadrinho à direita, refere-se ao balão do grito muito alto. Ao fazer uma análise das Histórias em Quadrinhos, faz-se necessários perceber os diferentes tipos de balões, pois, estes também são meios de linguagem nos Quadrinhos. À medida que eles se modificam na estrutura do texto, muda também o sentido da fala, sendo que cada um desses elementos correspondem a diferentes interpretações e essa observação se faz importante para o fator narrativo e interpretativo da história.

É preciso levar em consideração os objetos e ações; os requadros que são parte da linguagem não verbal da arte sequencial dos quadrinhos, os tempos verbais: (os requadros retangulares com traços retos sugerem que as ações contidas nos quadrinhos estão no presente e cada modificação desses requadro representa um tempo diferente na história). Quando a modificação do formato do requadro ocorrer, este ganha uma nova conotação: passa a designar uma recordação ou sonho do personagem; ausência do requadro assume uma significação dando ideia de espaço ilimitado e, por fim, o formato do requadro pode, portanto, transformar-se em um elemento significativo da história, integrando-se à narração. Também na História em Quadrinhos, os esquadros podem se revestir de uma significação, exercendo uma função metalinguística. A função metalinguística está presente não somente nos dicionários, nas gramáticas, nos poemas, mas até mesmo nas histórias em quadrinhos. Isso ocorre quando na HQ, o objeto de análise é a própria história.

Outro elemento que merece destaque além dos códigos da História em Quadrinhos é o foco narrativo destas histórias. A narrativa corresponde a uma relação do texto com a imagem, denominada como “Arte sequencial” pelo autor Will Eisner (1985. P.5) a qual segundo o autor refere-se uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar ou dramatizar uma ideia. Ou seja, a narrativa das

Histórias em Quadrinhos tem sua fundamental importância para compreensão do conteúdo ali abordado, para relação do texto e da imagem. Algo importante a perceber é a maneira como cada vinheta estabelece a continuação da narrativa que a incide. Por fim, a sequencialidade é, portanto, marca mais peculiar da narrativa quadrinhográfica. Scott McCloud (1995, P.9) considera essa construção narrativa indispensável para a definição que faz da história em quadrinho (“imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada”). Nesse sentido os mecanismos utilizados para continuidade da narrativa por meio das unidades construídas através das vinhetas é abordadas pelo autor Umberto Eco (1979, p.147) que estabelece uma analogia com a edição cinematográfica:

A montagem da história em quadrinhos não tende a resolver uma série de enquadramentos imóveis no fluxo contínuo como no filme, mas realiza uma espécie de continuidade ideal através de uma fátua descontinuidade. A história em quadrinhos quebra o *continuum* em poucos elementos essenciais. O leitor a seguir, solda esses momentos na imaginação e os vê como *continuum*.

É necessariamente nesse trecho do autor Umberto Eco (1979, p.147) que reconhecemos a grande magia da História em Quadrinhos, esta que dialoga com a imaginação do público leitor e que através da sua fantasia vai estabelecendo os elos, preenchendo os vazios, enxergando os momentos descartados entre uma vinheta e outra. Por fim a História em Quadrinhos corresponde a um termo que agrupa distintas formas de apresentar as narrativas iconográficas sequencializadas, como por exemplo, a revista ou álbum de quadrinhos e a tira de jornal.

Nesse estágio último, uma análise do conteúdo da História em Quadrinhos já pode ser efetuada. Ou seja, é necessária uma análise semiótica da HQ, a qual se dá através da análise do conteúdo que essas histórias trazem. Assim, na História em Quadrinhos vista mais acima, do autor Arnaldo Branco, quadrinista desde 1997 e participante da Antologia *ENTER*, percebemos que o tema “maconha” é apresentado no texto, através da imagem visual. Necessariamente, o texto exposto não apresenta o tema de forma explícita, mas proporciona uma interpretação principalmente no terceiro requadro da primeira vinheta ao dizer: “*vamos, pra dentro! Agora, pra fora*”, Esse exercício descrito no quadrinho nos remete a imaginar o sujeito que ensina o outro a aprender fumar – tragar. Depois se analisarmos o sentido que as palavras e o contexto em que estão inseridas, e a narrativa, logo, decodificamos que trata-se do tema supracitado. Na sociedade contemporânea, alguns indivíduos começam fazer uso das drogas (cigarro, álcool, vícios etc.) quando as coisas em sua vida não andam bem, quando não estão conseguindo sua realização pessoal,

quando o contexto familiar não contribui para sua formação, por falta de bens materiais, enfim, quando há insatisfação pessoal esses sujeitos buscam na droga o resultado da satisfação momentânea. A História em Quadrinho analisada remete a esse contexto social. Esse discurso intrínseco no Quadrinho faz a nossa imaginação criar possibilidades para dá um conteúdo e contextualizar à narrativa. Esse tema, como tantos outros, também são discutidos na “Antologia Digital *ENTER*” por alguns autores que trata-o como discurso pertinente a sociedade contemporânea, através de suas produções contidas na antologia.

Para que haja um bom entendimento e não desenvolver uma ideia equivocada sobre as História em Quadrinhos, faz-se necessário fazer uma leitura a partir dos três aspectos desenvolvidos aqui neste trabalho, sendo eles: O código, a narrativa e a Análise semiótica da História em Quadrinho. Só a partir de uma leitura que contemple estes três pré-requisitos será possível compreender que na narrativa em Quadrinhos não se trata de uma leitura ingênua e infantil, possível a qualquer leitor, mas que como toda construção exige sua significância e valorização, além do aspecto linguístico e discursivo que esses textos discorrem. É a linguagem em atividade por meio da metalinguagem.

É considerando todos esses passos de análise que a História em Quadrinho ganha maior visibilidade e significância na Antologia *ENTER*, pela autora Heloisa Buarque de Hollanda. Segundo ela, a HQ faz a palavra tomar diferentes formas e formatos, sentido e significados. Isso é a movimentação da palavra que funciona como código das construções, sejam elas, literárias ou não.

### *3.1.2 Tira em Quadrinhos*

A tira em quadrinhos é um gênero multimodal geralmente adotado no ensino de línguas. Fazer utilização desse gênero foi indicado por documentos educacionais oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Lições do Rio Grande. Neste sentido, o trabalho com as tiras em quadrinhos possibilita suporte para uma leitura (e produção) mais eficiente. Há na nas tirinhas um elemento, o qual é de suma importância para um estudo de diferentes tipos das formas discursiva da língua - o discurso.

Os temas que compõe as tirinhas sempre estão relacionados às questões sociais, políticas, religiosas, dramáticas, engraçadas, temas pertinente a sociedade como liberdade, dinheiro, lazer, arma, morte, enfim. Esses temas são revelados nos discursos trazidos por estas produções artísticas. Nessas histórias, os personagens produzem o discurso baseado em ideologia.

Na “antologia Digital *ENTER*”, o trabalho com as tiras também se faz presente. Elas surgem na antologia, sendo consagradas como literatura por Buarque (2009), uma vez que, para a autora essa construção se dá por meio da palavra, construção essa que faz a palavra estar em diversos lugares e em diferentes formas. Para especificar ainda mais essa análise discursiva, faço utilização de um subtema: a leitura. A partir disso, podemos verificar como esse subtema aparece representado, de alguma forma, nas tirinhas, seja pela linguagem escrita ou visual. As formas de discussão das tirinhas podem ser associar às formas de discussão com as condições históricas. Em função disso, é possível perceber nas tirinhas como são apresentados os efeitos de sentidos produzidos sobre a leitura.

A tirinha abaixo é construção do autor André Dahmer é participante da “Antologia Digital *ENTER*”, Carioca e nasceu em Botafogo, em 1974. Trabalha com quadrinhos para a Folha de São Paulo e para o portal G1.

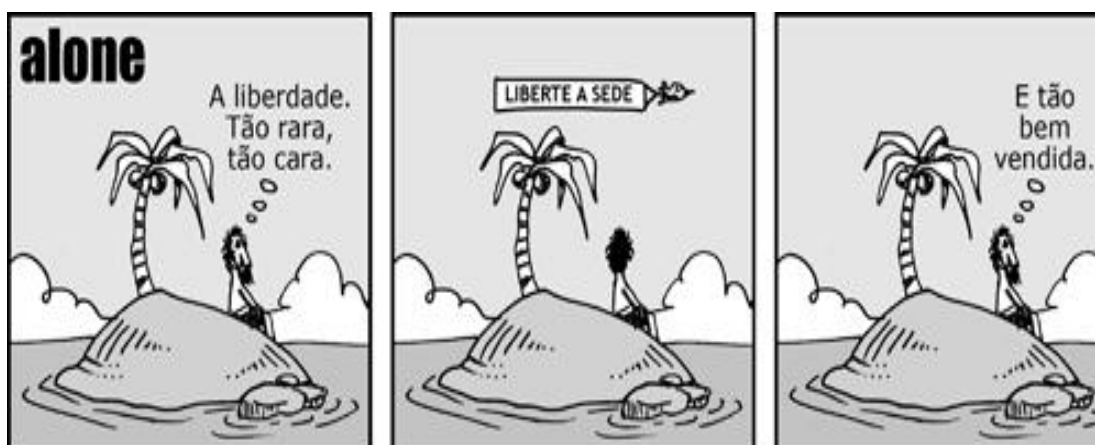


Na tirinha em análise a forma discursiva gira em torno do estímulo à leitura que ocorre em fazer uma substituição de armas. No primeiro requadro da tirinha temos a fala do personagem que diz que não precisamos de arma para transformar as pessoas, essas podem ser transformadas apenas a partir dos livros, ou seja, percebemos nesta fala o incentivo à leitura pelo personagem. Deixando claro que ela é importante para nossa transformação; prática do hábito da leitura é importante para nos transforma em sujeitos melhores. No segundo quadrinho é nos dirigido uma pergunta: “o que transformaria mais um homem? Pablo Neruda ou um tiro no saco?”. Pablo Neruda foi um poeta chileno, bem como um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX e cônsul do Chile na Espanha e no México. O desafio lançado pelo personagem através do questionamento é pertinente, principalmente na sociedade contemporânea, onde as pessoas

estão cada dia mais deixando de lado a prática da leitura e limitando-os somente a caprichos, seja por meio do capitalismo, seja por meio da influência midiática.

Por fim, no último requadro o personagem fala da possível castração do homem através do livro. Um livro é capaz de castrar o homem; desde quando esse se deixe castrar pelas suas práticas e escolhas fúteis e busque um novo sentido, um novo rumo para sua vida. Segundo o personagem o homem poder ser castrado por meio da Bíblia. Isso se dá pelo fato dos nossos antepassados terem infligido na cabeça dos indivíduos que a bíblia é a verdade plena, a resposta para todas as perguntas e a solução para todos os problemas. É neste sentido que a bíblia pode ser um livro castrador, porque ela é capaz de “silenciar” o homem das suas angústias, incertezas e medos através da esperança depositada, esperada e “encontrada” neste livro. O autor faz uma crítica à religião judaico-cristã, que usa a bíblia como o centro de tudo.

Na “Antologia *ENTER*”, podemos encontrar algumas tiras que contribuem para propagar o trabalho de alguns autores que participam deste espaço virtual construindo *Tiras em Quadrinhos*, assim como outros hipertextos disponíveis no site. A figura abaixo é um exemplo de tira em quadrinho copilada da antologia, porém, aqui, não será possível analisa-la por completo. A série completa está disponível na “Antologia Digital *ENTER*”, através do endereço eletrônico: <http://www.oinstituuto.org.br/enter>.



O autor, ao construir essa arte literária, aborda um dos temas discutido tanta na “Antologia *ENTER*” quanto na sociedade contemporânea, *liberdade*. Em sua produção artística, faz alusão a valorização da liberdade enfatizando que esta é rara e cara, se analisarmos tais expressões semanticamente, percebemos que a primeira “rara” corresponde a algo que é difícil de encontrar, que não é comum, que não é abundante. E a

segunda “cara” corresponde a algo que custa que não é dado, mas sim conquistado. Através destas expressões a liberdade ganha uma grande valorização pelo autor considerando-a como algo de bastante importância e especial.

O segundo quadro, porém, só faz sentido com o terceiro, quando o personagem reconhece que a liberdade é também vendida através de propaganda. Ele procurou uma ilha para se isolar e ser livre, mas mesmo na ilha o capitalismo, o mercado, o persegue.

### 3.1.3 Música (Rap)

A música é uma construção artística surgida na antiguidade em todos os povos entre eles, os egípcios, os chineses, os gregos, os romanos, entre outros. Entretanto não existem conhecimentos sobre como os antigos faziam seus instrumentos. Apenas umas poucas peças completas de música da Antiguidade ainda existem quase todas pertencem ao povo grego.

No texto “A Imagem Pública do Músico e da Música na Antiguidade Clássica” Desprezo ou Admiração?”, Fábio Vergara Cerqueira (2012) diz que a cultura grega clássica conferiu à música um lugar de destaque, definindo-a como formadora do caráter do cidadão, pois possibilitaria o aprendizado da virtude e o desenvolvimento espiritual (enquanto à ginástica caberia o desenvolvimento corporal). Por esses motivos, a tradição aristocrática das cidades gregas garantia o ensino musical como etapa básica da formação do jovem, exigindo deste alguns anos de dedicação ao estudo do canto e da lira. Segundo o autor essa valorização da música, porém, não acarretava uma valorização do músico profissional e da dedicação especializada à execução musical por parte de um cidadão adulto. Na teoria de Aristóteles, segundo Fábio Vergara, ele não hesitava em chamar os músicos profissionais de vulgares e em definir a execução musical como imprópria a um homem livre. Neste sentido, para Aristóteles a música era vista como objeto de manipulação social, que infligia na formação do sujeito. Para ele, os cidadãos deviam dedicar-se à execução musical somente em sua juventude, abandonando essa prática na idade adulta. Para outros autores, a música é um gênero lírico, o canto.

De acordo com Salvatore D’Onofrio (2005), o gênero lírico está diretamente ligado à música e ao canto em sua origem. Essa relação acontece desde então, pelo étimo da palavra “lírica”, originada de “lira” um instrumento de cordas utilizado pelos gregos para acompanhar a declamação de versos poéticos. Através da historiografia musical podemos buscar outras relações como a origem das duas artes: “Poesia lírica significava poesia

cantada ao som da lira; o termo tragédia inclui o substantivo ode, ‘a arte do canto’. Muitas outras palavras gregas que designavam os diferentes gêneros de poesia, como ode e hino, eram termos musicais.” (PALISCA & GROUT, 1994, p. 20.). Era através dos versos poéticos que a música se fazia presente.

Atualmente, o ritmo poético não está presente somente na poesia lírica, com um ritmo e uma linguagem própria desse gênero, mas esse ritmo se faz presente através das músicas de seus diversos ritmos, como por exemplo, o Rap. A expressão RAP provém da língua inglesa, com o sentido de Rhythm And Poetry – traduzindo, Ritmo e Poesia. Nascido na Jamaica, ele se transformou em produto comercializável entre os norte-americanos.

Por muito tempo na história, o rap foi contemplado somente por autores que participavam do movimento hip hop, descrito apenas em pouquíssimas páginas através de uma análise superficial de sua história e trajetória até a chegada às ruas brasileiras. O rap é um dos estilos musicais mais aceitos não só pela comunidade afro mundial, mas também por indivíduos que veem nesse estilo musical um dos ritmos que mais evolui no mercado fonológico, e assim gera lucro astronômico em determinados países, como é o caso dos Estados Unidos.

O Rap é um reflexo de uma realidade que ocorre, principalmente, nas regiões mais pobres das grandes metrópoles brasileiras. É uma expressão de denúncia e descaso social e político com a classe menos favorecida, que, quase constantemente, é recheada de abusos das autoridades locais, problemas com relação à moradia, criminalidade, tráfico, discriminação e falta de investimentos em infraestrutura. O rap é um instrumento de luta por dignas condições de vida de indivíduos que foram deixados à margem da sociedade ao longo da história, e que hoje buscam através da música atrair cada vez mais um maior número de adeptos para se unirem nesta busca constante.

Neste sentido, a música no ambiente da comunicação virtual adere a um papel significativo no que diz respeito aos novos modos de produção e divulgação de artefatos culturais no contexto da cultura popular massiva. Buarque (2006) traz em sua antologia a música com estilo rap como literatura, como poesia, uma vez que este estilo possui rimas, faz uso do jogo das palavras, filtra na emoção das pessoas e condiz com um conteúdo de arte literária.

Abaixo, faz-se preciso uma apreciação deste estilo na voz de Dudu do morro, nascido e criado no bairro pobre de Morro Agudo, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, DMA encontrou no rap o combustível que faltava para direcionar seus sentimentos

de forma inteligente. Hoje é coordenador do Movimento Enraizado, organização ganhadora do Prêmio Cultura Viva 2007, é programador de um dos maiores sites de hip hop do Brasil, foi eleito presidente do Instituto Ruas, braço jurídico do MHHOB, está aprendendo a falar inglês para administrar melhor a “Rede Enraizados”, está presente em mais de 10 países, - além de 17 estados brasileiros -, é jovem empreendedor - com uma loja, um estúdio de áudio e vídeo, e agora inova ao gravar seu primeiro álbum em SMD (Semi Metalico Disc). Suas obras na Antologia: O Dom da Disposição, A ginga da Favela e Abrindo Passagem.

#### “O dom da disposição”

Eu nasci com o Dom, tenho tato pro que é bom  
Não sei se foi a criação, mas tenho o dom da disposição  
Sei que trabalhar não é pra qualquer um, Morô  
Tem que ter disposição até pra ser trabalhador  
E não deixar a maldade do mundo entrar na mente [...]

Pra não invadir o banco e descarregar o pente  
Enquadrar o segurança ou fuzilar o gerente  
E carregar pra sempre a patente de delinquente  
Não se enganar pela luxúria da televisão  
Não se seduzir pelo brilho do Cordão [...] <sup>4</sup>

Na construção literária o autor fala sobre a importância de ter o dom da disposição para não adentrar no mundo dos vícios, da prostituição, ter o dom da disposição para não se enganar pela luxúria da televisão, para esquivar da “mini saia”, esquivar da HIV, para que as mulheres “não se troquem por uma motocicleta ,Ou pelo Boy, de olho azul, que tem corpo de atleta e que vai, ser o pai da mestiça bastarda que tem o sangue do branco circulando na veia e mais nada”, ter o dom pra não ser um viciado e viver jogado, “noiado”, pelos cantos “sequelado” tem que ter o Dom pra ser o melhor e não acabar com a cara numa carreira de pó”.

O autor procura trazer em sua construção artística sua própria realidade. Como morador de periferia descreve vivências observadas por ele em seu contexto social. Sua arte literária presente na Antologia *ENTER*, é verdadeiramente uma espécie de conselho para algumas pessoas, em especial os jovens que estão inseridos ou inserindo-se no mundo do crime, das drogas, realidade esta, tão presente na sociedade atual. Sua obra é um

---

<sup>4</sup> Letra completa da música, disponível em: <http://www.oinstituio.org.br/enter>.

instrumento de saída do mundo marginal. Através da rima nas palavras, dos sons, dos ritos o autor expressa seus sentimentos, emoções, desejos e vivência.

### 3.1.4 Contos e Poemas

Outras artes literárias presentes na Antologia *ENTER* são o conto e o poema, que contribuem para o enriquecimento da antologia, além de representarem as práticas literárias consagradas da literatura, tanto pela autora da antologia quanto pelos críticos literários.

Tais práticas literárias não serão aqui enfatizadas porque já são consagrados como literatura e neste trabalho faz-se necessário detectar apenas as novas artes literárias consagradas por Heloisa Buarque de Holanda em seu florilégio. Contudo, a novidade destes hipertextos na antologia se dá através dos escritores destes novíssimos séculos, que escrevem sobre temas pertinentes e discutidos na sociedade contemporânea, além de que essas construções são brotadas em um espaço diferente do papel, brotam na tela do computador, na hipermídia.

Alguns autores de poesia e conto participantes da Antologia *ENTER* já são conhecidos no mercado editorial através dos seus textos publicados, seja por meio do campo literário, virtual, com obras impressas ou em sites, pesquisa, produção e revisão de conteúdos para livros e roteiros para TV. A autora Bruna Beber Franco Alexandrino de Lima é uma poetisa e escritora brasileira. Bruna colaborou, durante os anos 2000, com diversos sites e revistas impressas de literatura, poesia, música e Internet. Publicou, em setembro de 2006, seu livro de estreia de poesia, *A fila sem fim dos demônios descontentes*. Fez a curadoria da exposição Brooks – Letras na rede, ao lado do poeta Omar Salomão, em setembro de 2007, sob coordenação de Heloísa Buarque de Hollanda. Foi vencedora do 2º Prêmio QUEM Acontece, na categoria revelação literária de 2008. Publicou, em 2009, seu segundo livro, *Balés*.<sup>5</sup> Destaco uma das suas obras, disponível na “Antologia Digital *ENTER*”, *Paraquedistas*, obra do seu segundo livro *Balés*, Publicado em 2009. A obra *Paraquedistas*, diz respeito a sobre o que é escrever para autora. Segundo ela, escrever é dedicar os dedos à marcenaria de qualquer jardim. O poema é cheio de emoção e movimento, conduzindo o leitor a entrar no universo da fantasia, com singeleza e suavidade.

---

<sup>5</sup> Disponível na Antologia Digital *ENTER*.

Outra autora de destaque na Antologia, com livro de romance já publicado, é Carol Bensimon, que nasce em 1982 em Porto Alegre. Publicou *Pó de Parede* em 2008, pela Não Editora. Seu romance, *Sinuca embaixo d'água*, foi lançado em 2009 pela companhia da Letras. Carol Bensimon morou em Paris, onde fez doutorado em literatura. Também traduz e colabora com jornais e revistas brasileiras<sup>6</sup>. *Sinuca embaixo d'água* é uma história construída em torno de uma ausência. Sete personagens narram um momento de luto, depois que Antônia, uma garota na casa dos vinte anos, morreu num acidente de automóvel.

Além desses nomes, há outros autores que ainda não possuem obras publicadas, os quais são conhecidos apenas por realizarem outros trabalhos, como: coordenador de Movimento Enraizados, programador de sites, presidente do Instituto, cantor etc. Contudo, todos os escritores presentes na Antologia possuem uma relação com a palavra e foi justamente essa relação entre eles e a palavra que os levou para a Antologia Digital *ENTER*.

---

<sup>6</sup> Disponível na Antologia Digital *ENTER*.

#### 4.0 CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa com o site da “Antologia Digital ENTER”, além de propiciar um conhecimento sobre a presença da literatura no campo digital, possibilitou também conhecer escritores literários que ainda não possuem notoriedade na academia ou no circuito editorial. Na apresentação do site, Heloísa Buarque afirma que lhe interessa, com essa Antologia, fazer a palavra explodir em suas variáveis formas e manifestações. E a intenção da organizadora de fato se concretiza na medida em que os autores ali reunidos fazem largo uso da arte da palavra para se expressarem, seja através das letras de música, das histórias em quadrinhos, dos contos, dos vídeos, dos poemas, dentre outras formas de expressão literária disponíveis na antologia.

As produções artístico-literárias dos autores participantes de ENTER trazem temas relacionados à sociedade contemporânea, como o subúrbio, a poesia, a mulher, as ruas, a escrita, a criança, a prostituição, o racismo, o preconceito, os índios, os negros, o Brasil, as drogas, entre outros assuntos que podem emocionar o leitor contemporâneo e que permitem também aflorar o seu desejo pelo artístico. A heterogeneidade de temas comunga com a variedade de formatos dessas artes literárias, essa relação entre diferentes artes e formas são o que contribuem para a importância artística da antologia, contribuindo assim, para uma visibilidade da antologia *ENTER* diferentes formas literárias, diferentes escritores, diferentes hipertextos em um único espaço literário, cultural, reunidos no espaço da hipermídia.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada. Literatura e leitura.** São Paulo: Unesp, 2007
- BELLEI, Sérgio. **Autores, leitores e a nova textualidade.** In: Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Márcia Abreu; Nelson Schapochnik (orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 165-196. (Obras escolhidas, v. 1) – capítulo: A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Estudos) (capítulo: o mercado de bens simbólicos).
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003. (capítulo- Das utopias ao mercado).
- COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante de (Orgs.). **Enciclopédia de literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.
- D'Onorio, Salvatore. **teoria do texto: teoria da lírica e do drama.** São Paulo: Átila, 2005.
- EISNER WILL. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GROUT, Donald J. PALISCA, Claude V. **História da Música Ocidental.** 1ª Ed. Lisboa, 1994.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **ENTER: antologia digital.** Disponível em: <http://www.oinstituto.org.br/enter>. Acesso em: 15 mar.2013
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Esses poetas: uma antologia dos anos 90.** Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **26 Poetas Hoje.** 6ªed. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2007.
- SITE DE HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA. Disponível em: <http://www.oinstituto.org.br/enter>. Acesso em: 15 mar.2013.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 5) (A 1ª edição data do ano de 1984)
- LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_ (1996). O Que é Virtual?. Rio: Editora 34.
- MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). In: Revista Gragoatá, Niterói: EDUFF, n. 20, p. 147-163, 1. sem. 2006. Disponível em: [http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20\(Italo%20Moriconi\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20(Italo%20Moriconi).doc) Acesso: 13 de Agosto de 2013.
- MUNARI, Ana Claudia. Literatura na Internet. In PDF, Rio Grande do Sul: PUCRS, 1. sem.2011. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf>. Acesso em: 25 de Out. 2013.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. **Reler os quadrinhos Disney-linguagem, evolução e análise de HQs.** São Paulo: Paulinas Editorial 2002.

SANTAELLA, Lúcia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

TONON, Helena: **A poesia brasileira e suas antologias: tempo e representação**. UFSC, Centro de Comunicação e Expressão, programa de Pós-Graduação em Literatura.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989;

Essas idéias são encontradas em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/08/11/heloisa-buarque-lanca-antologia-digital-de-literatura-212892.asp>. Acesso 07 de Abril de 2014.

Eco, Humberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: perspectiva (Debate,19), 1979.

Vergara Fábio Cerqueira (2012) **Educação, Música e Política na Grécia Antiga**. Disponível no site: <https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/11/educac3a7c3a3o-mc3basica-e-politica-na-grc3a9cia-antiga.pdf>.

Elísio, Roberto dos Santos (2002) **Leitura semiológica dos Quadrinhos**. Disponível no site: [http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/viewFile/786/642](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/786/642). Acesso em: 30 e Nov. de 2014.

Lima, Luciano (1996) **O Hipertexto Literário na internet: Apenas o poema em tela ou uma nova arte verbal cibernética?** Disponível no site: <http://www.hipertextus.net/volume1/artigo10-luciano-lima.pdf>. Acesso em: 30 e Nov. de 2014.

VIEGAS, Ana Cláudia. Escritas **on-line: novos modos de circulação da literatura contemporânea**. Revista Fronteiraz. São Paulo, v.4, n. 4, dez/2009. Disponível em: [http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/textos%20Abralic%20\(Ana%20Claudia\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/textos%20Abralic%20(Ana%20Claudia).doc). Acesso em 22. Jan 2010.